



**CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

Linha de pesquisa

Geografia: Econômica, Social e Cultural.

FERNANDA GONÇALVES DA SILVA

**UMA ANÁLISE SOCIOECONÔMICA E CULTURAL DA FEIRA LIVRE DO
MUNICÍPIO DE MAMANGUAPE-PB**

Guarabira/PB
2018

FERNANDA GONÇALVES DA SILVA

**UMA ANÁLISE SOCIOECONÔMICA E CULTURAL DA FEIRA LIVRE DO
MUNICÍPIO DE MAMANGUAPE-PB.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Geografia, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Linha de pesquisa: Geografia econômica e cultural em cumprimento aos requisitos básicos para a aquisição do grau de Licenciada.

Orientadora: Prof.^a Me. Sharlene da Silva Bernardino.

Guarabira/PB
2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586a Silva, Fernanda Gonçalves da.
Uma análise socioeconômica e cultural da feira livre do município de Mamanguape-PB. [manuscrito] / Fernanda Gonçalves da Silva. - 2018.
52 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.

"Orientação : Profa. Ma. Sharlene Bernardino da Silva, Coordenação do Curso de Geografia - CH."

1. Feira Livre. 2. Economia. 3. Cultura. 4. Mamanguape - PB.

21. ed. CDD 394.6

FERNANDA GONÇALVES DA SILVA

UMA ANÁLISE SOCIOECONÔMICA E CULTURAL DA FEIRA LIVRE DO
MUNICÍPIO DE MAMANGUAPE-PB.

Aprovada em: 15/06/18.

BANCA EXAMINADORA

Sharlene da Silva Bernardino

(Orientadora)

Prof. Me. Sharlene Bernardino da Silva UEPB/CH/DG
Mestre em Geografia/UFPB

Belarmino Mariano Neto

(Examinador)

Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto UEPB/CH/DG
Doutor em Agronomia/UFPB

Walkiria do Nascimento

(Examinadora)

Prof. Me. Walkiria do Nascimento (Convidada)
Mestre em Antropologia/UFPB

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado saúde e inteligência para superar todas as dificuldades e conseguir chegar onde hoje estou. E, que permitiu que este momento fosse vivido por mim, trazendo alegria aos meus pais, familiares e amigos.

Aos meus avôs, e o meu pai, que nos dias de hoje, já não se encontram entre nós. Mesmo assim, essa pesquisa é uma pequena homenagem a eles, pois os mesmos me serviram de inspiração, e incentivos, na escolha do tema em questão.

A Universidade Estadual da Paraíba e todo corpo docente do curso de Geografia, além da direção e administração que me proporcionaram as condições necessárias para que eu alcançasse meus objetivos.

A minha orientadora, Sharlene da Silva Bernardino. Por todo o tempo que dedicou a me ajudar durante o processo de realização deste trabalho.

Aos comerciantes que comercializam na feira livre de Mamanguape, bem como ao Prof. Lucio Cavalcante de Athaide. Pessoas que ao longo da pesquisa eu tive o privilégio de trabalhar. Sem eles não seria possível estar aqui hoje de coração repleto de orgulho.

Obrigado, a todos! E, em especial, a estas pessoas que contribuíram para o sucesso do referido trabalho.

A essência da sabedoria nos leva ao conhecimento, cada minuto entregue ao e valera apenas no final.

Rafael Sila.

043 – CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

SILVA, Fernanda Gonçalves da. **Uma análise Socioeconômica e cultural da feira livre do município de Mamanguape-PB.** (Curso de Geografia, UEPB-Campus III, na Linha de Pesquisa: Geografia: Econômica, Social e Cultural, orientado pela Prof.^a Me. Sharlene da Silva Bernardino. UEPB, 2018.

Banca Examinadora: Prof.^a Me. Sharlene Bernardino da Silva/ UEPB/CH/DG (Orientadora)
Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto/ UEPB/CH/DG (Examinador)
Prof. Me. Walkiria do Nascimento (Convidada) (Examinadora)

RESUMO

O presente trabalho, analisar a importância Socioeconômica e Cultural da feira livre do município de Mamanguape-PB, localizada na Microrregião do Litoral Norte do estado da Paraíba. Neste trabalho, estão registradas informações e impressões dos elementos encontrados durante a pesquisa sobre a Feira Livre de Mamanguape, na atualidade e em outros tempos históricos. Também, busca-se entender, quais as interações Socioculturais e econômicas entre Mercado Público e a feira livre de Mamanguape-PB. E, por fim, trata da importância que a mesma representa para a população, como elemento comercial de cultura e sociabilidades. Para a elaboração desse estudo, foram utilizados os seguintes procedimentos metodológicos: levantamentos de dados históricos e leituras bibliográficas, entre outros autores, citaram: COSTA, (1960-1986), AGUIAR, (2001). RODRIGUES, (2008), PAIVA, (1994) e CORRÊA, (2007). Na pesquisa em locus, foram dadas as autorizações através de diálogos, conhecimentos, onde pude ter a permissão para aplicação de questionários semiestruturados, visando conhecer a opinião dos feirantes e consumidores, sobre a importância da existência dessa feira livre para a cidade de Mamanguape e a região. Bem como autorização para os registros fotográficos, expostos na presente pesquisa.

Palavras chave: Feira-Livre, Economia, Cultura, Mamanguape.

043 - FULL GRADUATE COURSE IN GEOGRAPHY

SILVA, Fernanda Gonçalves da. **A Socioeconomic and culture analysis of the free fair of the municipality of Mamanguape-PB.** (Course of Geography, UEPB-Campus III, in the Research Line: Geography: Economic, Social and Cultural, guided by Prof. Me. Sharlene da Silva Bernardino UEPB, 2018.

Examining Banking: Prof^a. Me. Sharlene Bernardino da Silva / UEPB / CH / DG (Advisor)
Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto / UEPB / CH / DG (Examiner)
Prof. Me. Walkiria do Nascimento (Invited) (Examiner)

ABSTRACT

The present work has as main objective, to analyze the Socioeconomic and Culture importance of the free fair of the municipality of Mamanguape-PB, located in the Microregion of the Northern Coast of the state of Paraíba. In this work, are recorded information and impressions of the elements found during the research on the Free Fair of Mamanguape, nowadays and in other historical times. Also, it is sought to understand, what the Sociocultural and economic interactions between Public Market and the free fair of Mamanguape-PB. And, finally, it deals with the importance that it represents for the population, as a commercial element of culture and sociability. For the elaboration of this study, the following methodological procedures were used: surveys of historical data and bibliographical readings, among others, cited: COSTA, (1960-1986), AGUIAR, (2001). RODRIGUES, (2008), PAIVA, (1994) and CORRÊA, (2007). In locus research, the authorizations were given through dialogues, knowledge, where I could have the permission to apply semi-structured questionnaires, seeking to know the opinion of the fair and consumers, about the importance of the existence of this free fair for the city of Mamanguape and the region. As well as authorization for the photographic records, exposed in the present research.

Keywords: Fair-Trade, Economy, Culture, Mamanguape.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Localização da área de estudo	11
Figura 02 - Rua: Batista Carneiro, em dia de Feira livre na década de 1950	20
Figura 03 - Praça Antenor Navarro, em dia de Feira livre na década de 1960.....	20
Figura 04 - Ruas: Escritora José Viera Sobrinho, e Barão do Rio Branco em dia de Feira livre de na década de 1950	21
Figuras 05 - Rua: Praça 13 de Maio, nos anos de 1990	22
Figura 06 - Ruas ocupadas por bancos dos feirantes	22
Figura 07 - Feira Livre de Mamanguape-PB, nos dias atuais	24
Figura 08 - Mercado Público, construído em 1874, em dia de feira, no tempo do apogeu, cf “Meu Mamanguape de Outrora	26
Figura 09 - Mercado público da cidade de Mamanguape, depois do declínio da cidade. Um combustor de querosene e leiteiro em repouso	27
Figura 10 - Mercado Público, Após sua primeira reforma, em 1944	27
Figura 11 - Mercado Público da cidade de Mamanguape, reformado em 1943, com caixa d’água, à frente para a Praça 13 de Maio.....	28
Figuras 12 - Parte Interna do antigo Mercado Público	29
Figuras 13 - Parte Externa do antigo Mercado Público	29
Figura14 - Boxe de carnes e derivados bovinos e suínos	31
Figura 15 - Boxe de carne de bode, galinha, camarões, peixes entre outros	31
Figura 16 - Boxe de feijão, farinha, fava, carne de charque, entre outras mercadorias	32
Figuras 17,18 - Bancos de feijão, farinha e miúdos	33
Figura 19 - O antigo prédio do mercado público, restaurado. Hoje! denominado Centro Cultural Fênix	34
Figuras 20, 21 - Pescadores e comerciantes, de peixes e crustáceos advindos do litoral norte da região	35
Figuras: 22, 23 - Criadores e comerciantes de aves, da região	36
Figuras 24, 25 - Vendedores e consumidores, em dias de Feira Livre, Mamanguape-PB	37
Figura 26 - Feira do Paraguai	39
Figuras 27, 28 - Vendedores de Cd’s e DVD’s	39
Figuras 29, 30 - Barracas com produtos típicos da nossa culinária	40
Figura 31 - Banco de bejú e pé de moleque	41
Figuras 32 - Bancos de roupas	42
Figura 33 - Bancos de sapatos	42
Figura 34, 35 - Bancos de temperos	43
Figura 36, 37 - Barraca de utensílios e loja de objetos feitos de barro (cerâmica)	44
Figura 38 - Loja de Cirilo	44
Figura 39 - Barraca de Seu Zezinho Batista	45

SUMÁRIO

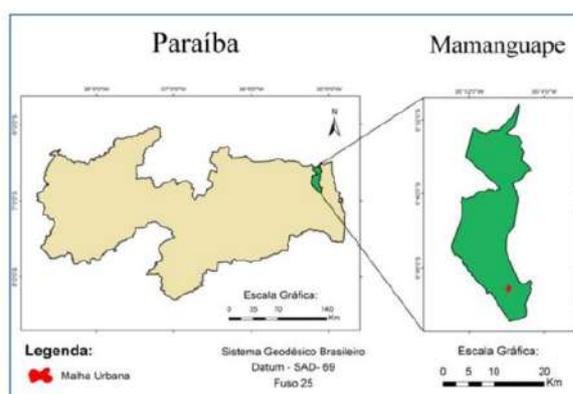
1 INTRODUÇÃO	11
2 MATERIAIS E MÉTODOS	13
3 REFERENCIAL TEÓRICO	15
3.1 TRAJETÓRIAS DAS FEIRAS LIVRES	15
3.2 A ORIGEM SOCIOECONÔMICA DA FEIRA LIVRE DE MAMANGUAPE	16
4 INTERAÇÕES SÓCIO-CULTURAIS DO MERCADO PÚBLICO E A FEIRA LIVRE DE MAMANGUAPE	24
5 A FEIRA LIVRE COMO UM LUGAR COMERCIAL	34
6 A FEIRA LIVRE COMO UM ESPAÇO DE CULTURA E SOCIABILIDADES	38
7 IMPRESSÕES, APREENSÕES E INQUIETAÇÕES SOBRE A FEIRA LIVRE DE MAMANGUAPE-PB	47
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	49
APÊNDICE	51

1 INTRODUÇÃO

Historicamente, as feiras livres se consolidaram como importante estrutura de suprimento de alimentos das cidades, especialmente as interioranas, do Nordeste brasileiro, e em particular a cidade de Mamanguape. Pois desde o início de constituição de cidade, a feira livre tem sido uma relevante atividade que promove o desenvolvimento econômico, social e cultural do município. Onde, a mesma, facilita o escoamento da produção da agricultura familiar, bem como, preserva hábitos da cultura local.

Segundo, LIMA 2013. O município de Mamanguape está localizado na Mesorregião da Zona da Mata Paraibana, mais precisamente na Microrregião do Litoral Norte. Tem como pontos limítrofes ao norte, o Estado do Rio Grande do Norte; ao Sul, os municípios de Rio Tinto e Capim; ao leste, os municípios de Rio Tinto e Mataraca; ao oeste, os municípios de Jacaraú, Curral de Cima, Itapororoca e Capim. Vale salientar que todos os municípios citados eram integrados ao município, mas obtiveram sua emancipação política com o passar dos anos. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) referentes ao ano de 2013, o município conta com uma população estimada 43.678. Área da unidade territorial (km²)340,534. Densidade demográfica (hab/km²)124,23, desde o ano de 2003, faz parte da Região Metropolitana de João Pessoa.

Figura 01 - Localização da área de estudo



Fonte - AESA(2012) organizado por Pires (2013).

O topônimo Mamanguape, de acordo com Teodoro Sampaio (apud Andrade e Vasconcelos, 2005:23) tem origem na junção dos vocábulos indígenas: Maman= de beber, para beber; Gua=água; Pe= nas. Significando então, Mamanguape, “Nas águas de beber” ou o mais popularmente difundido “No bebedouro”.

Neste sentido, entende-se que a feira livre do município de Mamanguape é um importante elemento concentrador do fluxo de pessoas e mercadorias, pois intensifica as relações comerciais e sociais, atendendo os habitantes locais e também as pessoas advindas de outras regiões, que se deslocam para lá no intuito de vender e comprar mercadorias.

A Feira livre de Mamanguape é realizada aos sábados, os produtos ali comercializados, tais como: carnes, farinha, frutas, cereais, verduras, entre outros - advêm de áreas interioranas da região do vale do Mamanguape, como: Mataraca, Itapororoca, Curral de Cima, Cuité de Mamanguape, Capim, Baía da Traição, Rio Tinto, Jacaraú, Pedro Régis e Marcação. Todos esses municípios já foram distritos ou vilas que faziam parte do município de Mamanguape. Em épocas distintas foi ocorrendo o processo de emancipação de cada uma dessas unidades, no entanto, alguns destes municípios não deixaram de ter uma ligação bastante intensa com o município de origem. (FARIAS, 2013).

A Feira Livre de Mamanguape, ao longo dos anos, sofreu mudanças significativas que vão desde sua localização até a sua estrutura física. Do ponto de vista comercial, ela se constitui como uma das formas de comércio mais tradicionais do município, a mesma, tem uma importância histórica, econômica e cultural para a nossa população em geral. Assim, o cenário da Feira Livre do município de Mamanguape, apresenta inúmeras possibilidades de pesquisa, podendo ser avaliada tanto por seus aspectos econômicos, quanto sociais e culturais.

Outro fator importante para a escolha do tema e para a realização da pesquisa é o fato do meu pai, também ter sido um feirante, qual exerceu a função de marchante por muitos anos, na feira livre trabalhava dentro do mercado público. E o meu avô, que era um consumidor apaixonado pelos produtos comercializados na feira. Hoje, tanto meu pai, como meu avô, já não se encontram entre nós.

Assim, essa pesquisa é também uma forma de homenagem a eles, pois, foram os quais desde muito cedo, me ensinaram qual era a importância da feira, pois sempre falavam sobre as pessoas, que sobrevivem dela.

Outro motivo foi à curiosidade. Que pôr ter sido inserida nesta modalidade desde criança. E, que mesmo não tendo seguido a profissão de meu pai, (comerciante), sou filha natural e moradora desta cidade, e ainda contínuo seguindo a tradição da minha família, freqüentando e consumido produtos comercializados na feira. Esses motivos despertaram o meu interesse de conhecer as origens, histórias desta feira livre em Mamanguape, pois pouco se saber sobre sua verdadeira história.

A vivência na feira pode fornecer materiais para qualquer outra área científica. No meu caso, que cursei Licenciatura em Geografia, encontrei diversos elementos, não só ligados ao ramo da Geografia, mas também da nossa própria história de indivíduo que poderão ser explorados por qualquer cidadão.

A Feira Livre pode abordar diferentes aspectos e áreas de conhecimentos, em si, pois sua formação, organização, rotina e produtos trazem inúmeras informações para serem consideradas e discutidas, refletidas, questionadas, ponderadas e verificadas. Ter vivenciado estas experiências foi uma experiência que contribuiu para a minha formação profissional e pessoal.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Para a elaboração desse estudo, foram utilizados os seguintes procedimentos metodológicos: Pesquisas bibliográficas, realizadas no arquivo do Memorial do Vale do Mamanguape, Acervo: Flávio Clementino Da Silva Freire, localizado na Rua do Imperador. Mamanguape-PB.

O Acervo literário possui fotografias e dados de autores muito importantes acerca da história da região. Com a visita no acervo o diretor e Prof. Lucio Cavalcante de Athaíde me forneceram alguns livros de autores que contavam sobre a história da nossa cidade, que serviram para dar início à pesquisa em questão, a princípio com levantamentos e leituras, bibliográficas.

A contribuição do Prof. Lucio foi fundamental para pesquisa em questão. Pois, o mesmo me ajudou a descobrir a origem da feira livre, bem como a sua importância econômica, através de fontes como: relatos, documentos, fotos entre outros.

Para ele, o estudo sobre a feira Livre de Mamanguape é muito importante. Pois, nós mostramos a verdadeira origem da fundação e formação da nossa cidade. Retratadas, através do comércio. (ATHAÍDE, 2018). Neste sentido a referida pesquisa ajudará a preservar a história do

Município de Mamanguape. Onde, uma cópia ficará à disposição de qualquer pessoa que esteja interessada.

No primeiro momento da pesquisas em *locus*, houve, diálogos e conversas com feirantes e a população local, em seguida entrevistas, que foram realizadas durante a semana nas segundas e terças feiras, por motivos de os comerciantes estarem com mais tempo para participarem da pesquisa.

Há, princípio da pesquisa, alguns feirantes e consumidores tiveram ressentimentos em falar ou tirar algumas fotos para pesquisa em questão. Pois, os mesmos, demonstraram sentimentos de revoltas e relataram alguns descasos enfrentados por eles na feira livre. Nas conversas, ouvi muito sobre o descontentamento dos feirantes com relação à feira livre. A maioria deles reclama da falta de administração, fiscalização, segurança e principalmente educação por parte de alguns feirantes, no sentido de dar exemplos com atitudes de higiene e limpeza em seu local de trabalho, principalmente dentro e fora do Mercado Público e aos redores da Feira Livre.

E só aceitaram a participar da pesquisa, porque conheceram meu pai que também era feirante assim como alguns deles. E o meu avô, um consumidor apaixonado pelos produtos da feira, aonde ia à mesma quase todos os dias da semana, para jogar, comprar, conversar e se divertir. Pois, ele tinha muitos amigos que comercializavam na feira, o feijão, a farinha, a carne, entre outros. Onde, podia comprar tudo isso fiado! e só pagavam no fim do mês.

Além, dos feirantes ter conhecido meus familiares os mesmos também me conheciam, pois, vou a feira toda semana. E em consideração a estes fatores os feirantes aceitaram a participar da referida pesquisa em questão. Bem como, me autorizaram a expor no referido trabalho, as suas indagações, falas, fotografias entre outros.

No segundo momento da pesquisa foi aplicado um questionário semiestruturado, visando conhecer a opinião dos feirantes e consumidores sobre a importância cultural da existência dessa Feira Livre para a região.

Quando questionados sobre os problemas que mais os afligiam na feira livre, citaram a falta de apoio governamental, de infraestrutura adequada, de sistema de esgoto e coleta de lixo de abastecimento de água potável e de instalações sanitárias como as questões mais difíceis de serem enfrentadas.

Com relação aos pontos positivos os comerciantes e consumidores disseram que: embora a feira, não seja uma atividade de alta lucratividade. O universo da feira não se limita só, à execução de transações comerciais, nela as tradições locais são reproduzidas e valorizadas, gerando muitas oportunidades de trabalho.

Quando questionados sobre o que eles mais gostam na feira livre? A maioria responderam que gostam da Feira Livre de Mamanguape, por quê? nela, encontramos de tudo um pouco. E que às vezes alguns produtos, que encontramos na feira é mais barato, e outros não. Mesmo assim, na feira ainda se vende fiado a um amigo ou conhecido a farinha, o feijão, o tempero, entre outros, tudo fresquinho. Onde, não se compara com os produtos vendidos nos supermercados, que além de serem industrializados, seus proprietários não os vendem, só pelo conhecimento.

Ainda disseram: Que a Feira é o lugar de encontrar os amigos, jogar conversa fora, toma caldo de cana, feito na hora, comer: beiju, pé-de-moleque, rapadura, cocada ou seja, comidas típicas da nossa cultura. Que são mantidas de geração para geração. Tradição que nem mesmo o tempo consegue apagar.

No terceiro momento da pesquisa em campo, foram tiradas as fotografias, de boxes, que se encontram dentro e fora do mercado público, bem como de bancos e de produtos, comercializados pelos feirantes na feira livre de Mamanguape. Todas, autorizadas, pelos mesmos. As referidas fotografias foram tiradas nos sábados, ou seja, no dia em que acontece a feira geral.

Diante da realidade observada, sugeriram-se, algumas ações que poderiam promover melhorias das atividades desenvolvidas por eles, na feira livre de Mamanguape. Que serão abordadas neste trabalho durante toda pesquisa.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 TRAJETÓRIAS DAS FEIRAS LIVRES

A feira livre é uma das formas de comércio mais antigas existentes no mundo. As feiras são fenômenos econômicos e sociais muito antigos e já eram conhecidas dos Gregos e Romanos. Para estes últimos, devido às implicações de ordem pública que as feiras exigiam, estabeleceu-se que as regras de sua criação e funcionamento dependiam da intervenção e garantia do estado. O

papel das feiras tornou-se verdadeiramente importante a partir do século XI e da chamada revolução comercial. Daí em diante seu número foi sempre aumentando até o século XIII¹.

O termo “feira”, deriva do latim “feria” e significa “dia santo”, ou seja, feriado ou dia de descanso, posto que os comerciantes, preocupados em vender o excedente da produção, se reuniam próximos das Igrejas aos domingos (dia do senhor) para comercializar seus produtos, já que eram os locais que apresentavam o maior fluxo de pessoas.

No Brasil, há evidências de feiras livres desde os tempos da colonização (COUTINHO, NEVES, 2016). E é na região do nordeste brasileiro, que vamos encontrar estas evidências ainda mais fortes, como é o caso da Feira Livre da cidade de Mamanguape, localizada na Microrregião do estado da Paraíba, fazendo ainda parte da região metropolitana da capital. A feira livre é um dos poucos acontecimentos que tem grande dinâmica entre o tradicional e o moderno. Sobre isso, BERNARDINO, 2015, acrescenta que:

Nas fímbrias da sociedade marcadamente urbana que hoje representa o Brasil, nas fronteiras entre o urbano e o rural, a feira comparece como um elemento representativo de grandes inter-relações entre o tradicional, o moderno e lampejos do pós-moderno, pois, mesmo conservando um formato tradicional, a feira não deixa de seguir os ditames da lógica do mercado e, assim. A feira adapta-se as tecnologias implantadas pela modernidade e também pelo capitalismo. (BERNARDINO, 2015, pág. 111).

Assim, apesar das modernidades dos tempos atuais e das mudanças ocorridas no tempo e no espaço, da feira livre, na verdade, ela se reinventa claro que há uma permanência e resistência das características, tradicionais, mas no momento que ela se adapta a essas inovações como, por exemplo, cartões de créditos entre outros, existe aí uma mistura do tradicional e o moderno. Neste, sentido, a mesma continua sendo umas das fontes de renda mais importantes para a região de Mamanguape, não só na questão econômica, mas também sociocultural do município.

3.2 A ORIGEM SOCIOECONÔMICA DA FEIRA LIVRE DE MAMANGUAPE

Para analisar a conjuntura atual da área de estudo, faz-se necessário compreender o contexto histórico no qual o Município de Mamanguape está inserido, como se deu a apropriação e a conquista do espaço, bem como, as economias que ali se desenvolveram e quais foram fatores preponderantes para o desenvolvimento da Feira Livre local.

¹ Enciclopédia Luso-Brasileira, 1995.

A origem da história de Mamanguape se insere no processo de ocupação e conquista do território da Paraíba. Onde o município teve seu processo de povoação iniciada a partir de vilas, e em seguida, dos aldeamentos indígenas, a exemplo da Aldeia Monte-Mor, localizada às margens do Rio Mamanguape, que possuía condições naturais muito favoráveis, a saber: água em abundância, rios propícios à navegação (rios Mamanguape e Camaratuba), solo fértil e o pau-brasil. Omegna (1971) afirma que a escolha do sítio ideal para o desenvolvimento de cidades coloniais, se dava em função das características naturais da paisagem e, para tanto, levava-se em consideração fatores como a disponibilidade e qualidade da água, o relevo, a fertilidade dos solos e a navegabilidade dos rios. Nesse sentido, Mamanguape, devido ao sítio onde se desenvolveu à beira do Rio Mamanguape, prosperou amplamente, pois, tinha de tudo.

A cristalina água de suas fontes, solo fértil, a melhor e mais procurada mercadoria da época— o pau-brasil e outras madeiras de lei, que se constituíram em produtos de um comércio exportador. Todos esses fatos atraíram novos habitantes e até senhores-de-engenho de Pernambuco, que vieram aplicar suas fortunas no território mamanguapense, onde implantaram os seus engenhos para a fabricação do açúcar (COSTA, 1986, pág. 45).

Várias são as versões da origem do topônimo, segundo Teodoro Sampaio, a designação de Mamanguape teria raízes indígenas e adviria da junção dos vocábulos “mamã-guape”, qual quer dizer no “bebedouro”².

Historicamente, é nesta época, que iremos encontrar os primeiros indícios do comércio em nossa região. Antigamente, o comércio era constituído através da troca de produtos, os nossos indígenas trocavam colares por facas. Hoje, o comércio é feito pela troca de mercadorias e por dinheiro. Na cidade, o comércio é representado pelas casas comerciais: lojas, armarinhos, supermercados, pelos bancos e pela Feira Livre (FERNANDES, 2015).

Como a grande maioria dos municípios paraibanos, Mamanguape teve na agricultura os fundamentos de seu progresso. Convém não desprezar, contudo, o significado especial que a pecuária, a pesca e a indústria açucareira, apresentam no panorama econômico do município. Essas atividades são proporcionadas pela excelência de boa parte de seu solo, cortados por inúmeros cursos d'água e protegidos por considerável extensão florestal³.

² Enciclopédia dos municípios brasileiros, 1950, pág. 309.

³ Enciclopédia dos municípios brasileiros, 1950, pág. 311.

A cidade de Mamanguape possuía um forte comércio atacadista, além de contar com a piscicultura e a cultura do açúcar e da pecuária. O porto que existia na região era a porta de entrada e saída da produção para outros estados. O porto de Salema tinha uma comunicação direta com a cidade do Recife. Neste sentido, o comércio e a indústria com a sua produção agrícola, como: a cana de açúcar e o algodão foram às principais atividades econômicas que provocaram o desenvolvimento econômico deste município em séculos remotos (AGUIAR, 2001).

A cidade de Mamanguape, por sua localização às margens do rio que lhe dá nome, sempre foi ponto estratégico para os interesses do capital e nas épocas em que apresentava indícios de centralidade. No final do século XIX, por exemplo:

Mamanguape com seu crescimento passou a influir em uma vasta região, do brejo ao litoral, e até áreas do sertão e cariri. Seu território fértil produzia lavouras de subsistência de forma tal que esses produtos eram levados a suas feiras livres, ali podendo ser adquiridos por comerciantes vindos de outras localidades onde inexistiam essas lavouras (COSTA, 1986, pág. 49).

Segundo Costa (1986, pág. 49) cada vez mais, chegavam aristocratas portugueses em Mamanguape para se fixar na terra e explorá-la, tanto no sentido agrário, quanto no sentido comercial. Pela diversidade de quadros naturais, enquanto a cana-de-açúcar era plantada nas várzeas, os tabuleiros cediam espaço para a cultura de algodão que, devido ao fácil manejo, era administrado concomitantemente às culturas de subsistência. Após a Revolução Industrial e o aprimoramento na indústria Têxtil, foram incorporadas máquinas de ferro que descaroçavam o algodão e o transformavam em pluma, sendo assim, Mamanguape atraía inúmeros compradores e comerciantes em busca do “ouro branco”.

As Feiras de gados e os vaqueiros, que vieram do sertão para o litoral, também contribuíram com os agricultores da região. A criação de gado foi à atividade destinada aqueles que queriam empreender, mas não dispunham do poder aquisitivo que os donos de engenho possuíam, pois era uma atividade relativamente mais barata e que tinha um retorno direto. Por sua vez, define-os como um só ciclo, denominado por ele de ciclo do algodão e do couro. (COSTA, 1986).

Os vaqueiros e os tropeiros que faziam o comércio de animais (mulas e cavalos), que serviam para transportar as mercadorias, foram muito importantes na abertura de estradas, e

fundação de vilas e cidades. Como é o caso de Mamanguape, qual foram aldeia e depois vila, em seguida foi elevado à categoria de cidade pela Lei nº 1 de 25 de outubro de 1855, sancionada pelo Dr. Flávio da Silva Freire⁴. (COSTA, 1960-1986).

Desta maneira, a Feira Livre foi também se tornando um pólo econômico, permitindo que os agricultores das regiões circunvizinhas, ou seja, dos municípios que já pertenceram a cidade de Mamanguape, como: Capim, Cuité, Itapororoca, Jacaraú, Rio Tinto, Marcação, Bahia da Traição, também se beneficiaram da feira com as vendas e compras de produtos, tornando-se assim, os primeiros feirantes quais antigamente vinham do interior com suas mercadorias, e dormiam no local da Feira, do sábado para o domingo. Pois, nesta época, a mesma era realizada aos domingos. Atualmente os comerciantes e agricultores continuam comercializando suas mercadorias na Feira Livre de Mamanguape, que nos dias de hoje, é realizada aos sábados.

Em conversa com Prof. Lucio, ele contou que inicialmente a feira Livre de Mamanguape funcionava no centro da cidade, aos redores do antigo mercado municipal. Onde abrangiam cinco ruas principais. Sendo distribuídas da seguinte forma: Rua Batista Carneiro, Praça Antenor Navarro, Rua Escritora José Viera Sobrinho, Praça 13 de Maio e a Barão do Rio Branco.

A Rua Batista Carneiro localizava-se em frente ao presídio e, na época, era conhecida como a feira da banana. Tudo que eram de raízes e frutas passavam a serem vendidos lá. Outra característica importante era a venda de brinquedos, como: carrinhos, feitos de madeira ou de latas e bonecas de pano, típicos da cultura local.

Nesta época, os consumidores pagavam a pessoas que se utilizavam de balaios e casuás⁵, para fazer entrega de suas mercadorias em domicílios. Hoje, este serviço de entrega é feito em forma de frete, onde meninos levam mercadorias em carros de mãos até as residências dos consumidores.

⁴ Barão de Mamanguape.

⁵ Cesto de cipó, taquara ou vime, fasquias de bambú para colocar na cangalha nas costas do burro, cavalo ou jumento no transporte de alimentos.

Figura 02 - Rua: Batista Carneiro, em dia de Feira livre na década de 1950.



Fonte - Facebook/Mamanguape Conta Suas Histórias. Foto: Beto Fernandes. Mamanguape-PB.

A outra rua onde a feira se estendia era a Praça Antenor Navarro, que tinha como ponto de referencia, o bar de seu Souza. Nesta parte da feira vendiam-se cortes de panos, perfumes, alparcatas (sandálias de dedo), fumo de rolo, entre outros. A seguir, fotografia tirada da feira livre, realizadas na Rua: Praça Antenor Navarro, nas décadas de 1950 e 1960.

Figura 03 - Praça Antenor Navarro, em dia de Feira livre na década de 1960.



Fonte - Facebook/Mamanguape Conta Suas Histórias. Junior da Locadora. Mamanguape PB.

Na rua, Escritora José Viera Sobrinho, hoje situado em frente ao estabelecimento de ensino Instituto Moderno, funcionava a feira do peixe, onde se vendia galinha, caranguejo, entre outros. Já a rua Barão do Rio Branco, era a feira da galinha caipira, onde vendiam-se panelas, filtros, potes, tudo feito de barro e expostos ao chão.

Figura 04 - Ruas: Escritora José Viera Sobrinho, e Barão do Rio Branco em dia de Feira livre de na década de 1950.



Fonte - Facebook/Mamanguape Conta Suas Histórias. Junior da Locadora. Mamanguape-PB.

Já na antiga Praça 13 de Maio, vendiam-se verduras diversificadas. O local funcionava também como um grande depósito a céu aberto qual servia para os vendedores guardarem seus bancos. Pois, nesta época os bancos precisavam ser montados e desmontados, por homens chamados de tabeiceiros⁶. Estas pessoas faziam este trabalho para desocupar, principalmente, as ruas abrangidas pela feira. Bem como, as mercadorias quais precisavam ser guardadas. Muitas eram guardadas ali mesmo, próximas aos bancos, em caixotes feitos de madeiras, outras, eram guardadas dentro do mercado público. Hoje, isso já não acontece mais, pois, a feira foi alocada para outro lugar onde a maioria dos bancos estão alojados em um espaço fixo.

⁶ Homens que carregavam estes bancos na cabeça de um lugar para o outro.

Figuras 05 - Rua: Praça 13 de Maio nos anos de 1990.



Fonte - Facebook/Mamanguape Conta Suas Histórias. Junior da Locadora. Mamanguape-PB.

Todas essas ruas estavam localizadas no centro da cidade e, aconteciam ao redor do mercado público. Os feirantes deixavam seus bancos e mercadorias aos redores das principais ruas do centro da cidade, a exemplo da Praça 13 de Maio, atrapalhando assim, o trânsito. A seguir, segue fotografias que mostram um pouco dessa realidade.

Figura 06 - Ruas ocupadas por bancos dos feirantes.



Fonte - Facebook/Mamanguape Conta Suas Histórias. Junior da Locadora. Mamanguape-PB.

Nesta época, como acabamos de observar, a feira livre ocupava as principais ruas no centro da cidade. Mas, com o crescimento da população e por questões relacionadas aos espaços ocupados por ela, estavam causando alguns problemas, como a mobilidade urbana e os fluxos de automóveis. Está antiga feira livre precisou ser deslocada para outra área. Contudo, hoje as antigas ruas que eram abrangidas pela feira livre, se transformaram completamente em um centro comercial. As casas residenciais perderam lugar para o comércio, como: Farmácias, lojas, supermercados, praças, restaurantes, bancos entre outros. Dando assim, continuidade ao nosso crescimento e desenvolvimento econômico da cidade. Pois, em dia de feira livre, todos esses espaços são ocupados por comerciantes e consumidores, gerando uma fonte de renda muito significativa para o comércio, qual é muito forte na região.

Nos dias atuais, a Feira Livre está localizada em um setor conhecido como mercado novo, localizado na Rua José Fernandes de Souza, Mamanguape-PB, no centro da cidade, onde é realizada todos os dias da semana, com exceção dos domingos e feriados, a feira geral, acontece aos sábados, onde recebe um número maior de pessoas que veem de várias cidades circunvizinhas, como por exemplo: Itapororoca, Rio Tinto, Capim, Mataraca, Jacaraú, Marcação entre outros. Beneficiando, assim os sistemas de transportes coletivos e alternativos, bem como os moto-taxi da região, que transportam estas pessoas. No sábado é grande a movimentação de pessoas e de transportes, onde se vende de tudo um pouco e podemos encontrar a distribuição de gêneros alimentícios diversificados para vários gostos. Contudo, hoje temos na cidade uma feira específica no bairro do Areal, que é realizada aos domingos.

Figura 07 - Feira Livre de Mamanguape-PB, nos dias atuais.



Fonte - Acervo da autora (Março/2017).

Esse breve panorama histórico da feira livre, busca mostrar que na região de Mamanguape ela é muito importante, sendo um dos fenômenos econômicos mais tradicionais da cidade e da região. Pois, a mesma representa uma essência econômica, histórica e cultural, e está inserida na sociedade Mamanguape e desde os períodos da fundação daquele povoado até sua emancipação e estágio atual da história.

4 INTERAÇÕES SÓCIO-CULTURAIS DO MERCADO PÚBLICO E A FEIRA LIVRE DE MAMANGUAPE

A feira é uma atividade praticada há milhares de anos em todo o mundo. Existem feiras espalhadas por todo o Brasil, porém, é no Nordeste onde elas mais se evidenciam. O desenvolvimento das feiras resultou no aparecimento de novas formas de comercialização, entre elas o mercado público. Os mercados começaram a surgir na Europa Ocidental, por volta do séc. XVIII, por influência dos mouros que eram povos localizados ao noroeste da África e consistiam fundamentalmente aos grupos étnicos berberes e árabes. Estes povos caracterizavam-se por expor seus produtos em excesso, causando uma ideia de circularidade entre odores, cores e outros elementos (SILVA, 2004).

Ainda segundo SILVA (2004) a palavra mercado deriva-se do latim e é usado para definir um local delimitado, onde compradores e vendedores se encontram para trocar os seus bens.

Originado e resultante das feiras, o mercado é um sistema que evoluiu no tempo devido às várias influências ao longo dos anos.

Mamanguape, em seu tempo de apogeu, era uma cidade com ruas calçadas, iluminação de lampiões de querosene, casas revestidas de azulejos, excelente comércio, Igrejas Católicas, portos, cadeias, cemitério, e que fora visitado pelo Imperador D. Pedro II. No entanto, não dispunha de um Mercado. E, para fazê-lo, utilizou a concessão, que é um privilégio concedido pelo governador, mediante contrato, para a exploração de um serviço de utilidade pública (RODRIGUES, 2008 p.270-271).

Costa transcreve a da Lei de Concessão:

Construção do mercado- Lei nº 580 de 7 novembro de 1874. Art. 1º- Fica aprovado o contracto celebrado pela Câmara Municipal da cidade de Mamanguape com o capitão Paulino Fernandes da Costa, concedendo-lhes o privilegio para edificar uma casa de mercado n'aquela cidade com a extensão, solidez e acomodações estipuladas no referido cotracto, com madeira de lei lavrada, e paredes com grossura de meio metro. Art. 2º- O concessionário gosará do privilegio de trata o artigo antecedente por espaço de trinta annos e perceberá por cada carga de peixe quinhentos réis. Art. 3º- Além das condições a que se sujeita o contractante é mais obrigado a conservar a casa limpa, asseada e a reparar qualquer ruina que haja de apparecer-lhes, enquanto estiver sob seu domínio e administração. Art. 4º- Tendo o contrastante desfructado o rendimento da casa, segundo as disposições do contracto e alterações fetas, pelo tempo de trinta anos, será obrigado a entregal-a a Camara Municipal em bom estado, sem a menor ruina, com todos os seus utensilios, para esta usufruil-a de então por diante como propriedade sua. Art.5º- revogão-se as disposições em contrário. (Costa, 1986, pág., 195).

Segundo dados fotográficos expostos nos arquivos do memorial do Vale, “O primeiro mercado público da cidade de Mamanguape” foi construído em 1874 para atender a grandeza da cidade em seu desenvolvimento econômico, no seu período do apogeu, que já na época era conhecida como “A cidade de riquezas”. A seguir, imagem do primeiro mercado público, construído no tempo de sua opulência econômica em 1874.

Figura 08 - Mercado Público, construído em 1874.

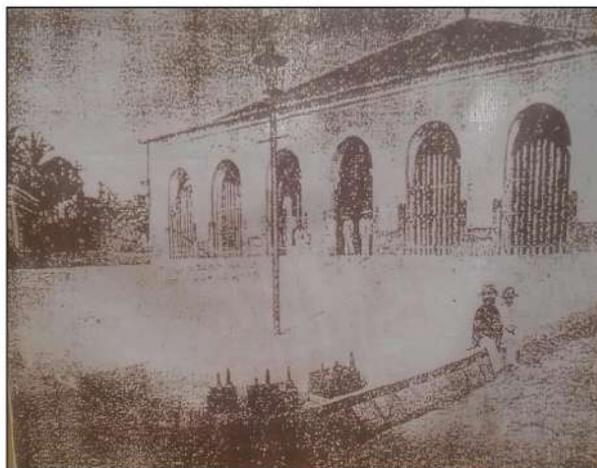


Fonte - Acervo histórico e memorial do vale: Flávio Clementino da Silva, Mamanguape-PB.

O mercado público foi construído por contrato com o Capitão Paulino Fernandes da Costa, em 1874⁷, (TAVARES, vol. 2. pág.723.). Em 1907 houve uma reforma no mercado e, com os serviços de revitalização que estão se apresentando, foram descobertas quatro inscrições de 13 de setembro de 1907. Elas são iguais e estão nas soleiras das quatro portas, entre o 1º compartimento e o 2ª. Sua dimensão é de cerca de 60cm X 2,00 metros, correspondendo à espessura da parede e a largura da porta, acrescenta Tavares (1910), “O major Batista Carneiro, assumiu em agosto de 1908, o poder executivo municipal, pela segunda vez, conclui o a grande calçada em frente do mercado, e mandou colocar lâmpões para a sua iluminação externa” (TAVARES, vol.2 pág. 723).

⁷ Sendo presidente da câmara municipal o Capitão Francisco Pulcheiro G. de Andrade, edifício que hoje é propriedade do município.

Figura 09 - Mercado público de Mamanguape, após declínio da cidade.



Fonte - Acervo histórico e memorial do vale: Flávio Clementino da Silva, Mamanguape-PB.

Em 1943 o prefeito José Fernandes de Lima inaugurou a ampliação e reconstrução deste mercado. A ampliação realizada na parte do prédio que fica localizada em frente à Praça 13 de Maio (RODRIGUES, 2008 p. 273). A seguir, imagens de fotografias tiradas, nestes períodos de reformas, como também de elementos fundamentais que estiveram junto ao mercado, em tempos passados, como é caso Caixa d'água.

Figura 10 - Mercado Público, Após sua primeira reforma, em 1943.



Fonte - Facebook/Mamanguape Conta Suas Histórias. Foto: Maria Elizabeth Fernandes Fonsêca. Mamanguape-PB.

Figura 11 - Mercado Público da cidade de Mamanguape, reformado em 1943, com caixa d'água.



Fonte - Acervo histórico e memorial do vale: Flávio Clementino da Silva, Mamanguape-PB.

A caixa d'água servia para duas coisas: primeiro para a limpeza do mercado, onde tinha uma encanação interna de ferro, que era para dentro do mercado e, para um chafariz que abastecia os feirantes durante os dias de feira.

O mercado público era muito importante para a Feira livre, mas com o passar dos anos, foi se acabando por falta de manutenção na infraestrutura. Na década de 1990 o prédio se encontrava em situação precária, a sua estrutura praticamente estava em ruínas, principalmente a parte do telhado, que na época, existiam tesouras⁸ que seguravam as madeiras já estragadas, correndo o risco de desabamento.

⁸ Espécie de madeira com metragem e largura medinho 20x20cm que tinha formato parecido com ganchos de tesoura.

Figura 12 - Parte Interna do antigo Mercado Público.



Fonte - Facebook/Mamanguape Conta Suas Histórias. Foto: Ana Brito. Mamanguape-PB, 1998.

Figura 13 - Parte Externa do antigo Mercado Público.



Fonte - Facebook/Mamanguape Conta Suas Histórias. Foto: Ana Brito. Mamanguape-PB, 1998.

A situação de abandono na qual se encontrava o mercado público, como também a sua área de abrangência, que se tornou pequena para atender as necessidades da cidade, fez surgir à necessidade de um novo mercado. Para atender as necessidades da população a Prefeitura

Municipal de Mamanguape construiu um novo Mercado público, inaugurado em 25 de maio de 2000.

Prefeitura Municipal de Mamanguape. Mercado público Galpões 1 e 2. Inaugurado em 25 de maio de 2000. Obra construída com recursos do Governo e do Município. Dr. José Targino Maranhão- Governador. Dr. José Luiz Clerot- Deputado Federal. Dr. Ariano Fernandes Fonseca- Deputado Estadual. Dr. Machado Albino de Souza- Prefeito. (Dados da placa). (RODRIGUES, 2008, pág. 273 e 274.)

Posteriormente, foram construídos mais dois galpões, de forma que o atual Mercado Público de Mamanguape é composto pelo conjunto de quatro galpões. Ao redor destes galpões foram instaladas barracas, bancos de feiras e foram construídos vários prédios, por particulares, onde funcionam lojas e supermercados (RODRIGUES, pág., 274).

O novo Mercado Público está localizado no centro da cidade, por trás do banco do Brasil, situado na rua José Fernandes de Souza. Onde possui uma área delimitada e dividida em quatro galpões com boxes destinados à comercialização de carnes, hortigranjeiros, crustáceos, peixes, entre outros. A seguir, imagens tiradas de produtos, comercializados de dentro dos galpões no novo Mercado público de Mamanguape-PB.

Ao chegar dentro do primeiro e do segundo galpão do novo mercado público, podemos encontrar boxes destinados aos marchantes. Que são comercializados a venda de mercadorias, como: carnes e derivados bovinos. Onde, esses animais são comprados aqui mesmo, em nossa região. Em seguida levados para matadouro, (lugar onde é feito todo processo de matança e higienização do animal antes da venda). Sendo uma das atividades mais antigas e, que vem gerando fonte de renda. Não só para estes tipos de comerciantes, mas, para os criadores e fornecedores destes animais na região.

Figura 14 - Boxes de carnes e derivados bovinos e suínos.



Fonte - Acervo da autora (Março/2017).

No terceiro galpão o freguês pode encontrar: Carne de bode, buchada, galinha, camarão, mariscos, peixe, “tudo fresquinho” é o que dizem os comerciantes. E, os fregueses também aprovam, pois muitos são fregueses há anos. E vão nestes boxes, e compram estes produtos para serem consumidos em seus restaurantes, bares, ou em casa mesmo, com os vizinhos, os amigos, entre outros.

Figura 15 - Boxes de carnes de bode, galinha, camarões, peixes entre outros.



Fonte - Acervo da autora (Março/2017)

No quarto e último galpão, podemos encontrar a venda de produtos como cereais, entre o mais vistos ao percorrermos o mercado estão feijão dos vários tipos, farinha, arroz, fubá, fava, carne de charque, peixes secos entre outras mercadorias, que são muitas apreciadas pela população da região.

Figura 16 - Boxes de feijão, farinha, fava, carne de charque, entre outras mercadorias.



Fonte - Acervo da autora (Março/2017).

Ainda ao lado destes galpões no mercado público, podemos encontrar várias barracas comercializando produtos fora deles, a exemplos de vendedores de feijão, milho, farinha e tantas outras mercadorias, como também, podemos encontrar a venda de vísceras de bovinos, caprinos ou suínos (conhecidos como miúdos), produtos apreciados pela culinária regional, esta é uma atividade que funciona durante toda a semana, mas que aumenta consideravelmente no dia da feira. Ou, seja no sábado onde acontece a feira geral.

A seguir, algumas fotografias realizadas em dia de feira dos bancos de feijão e farinha, bem como, as de miúdos que são comercializados do lado de fora dos galpões no novo mercado público.

Figura 17, 18 - Bancos de feijão, farinha e miúdos.



Fonte - Acervo da autora (Março/2017).

Segundo Silva (2004, pág. 22), a Feira Livre e o mercado público se inter-relacionam primeiramente porque um é originado do outro e, ambos possuem exposição de produtos, relações sociais, uma linguagem própria e estão inseridos no contexto histórico da região onde estão localizados.

Em 2006, na administração do então prefeito Fábio Fernandes Fonsêca, teve início a obra para transformar o antigo mercado em um Centro Cultural. Em 4 de julho de 2008 a restauração do prédio foi concluída, passando o antigo mercado a se denominar Centro Cultural Fênix.

Figura 19 - Centro Cultural Fênix.



Fonte - Acervo da autora (Maio/2018).

Hoje o antigo Mercado público é tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP). O Centro Cultural Fênix é lugar onde serve para realização de vários eventos. Contudo, tem poucos registros sobre a sua própria história, o que é lamentável, pois, o referido mercado foi construído para dar suporte à feira livre. Desta maneira, ambos estão inseridos no mesmo contexto histórico, desde períodos da colonização, a feira livre também faz parte do patrimônio histórico e cultural. Acredito que lá deveria existir um local, onde pudesse ser exposto um museu vivo, que relatasse as origens e história da feira livre. Apesar de existirem poucos trabalhos acadêmicos com o tema sobre as feiras livres, a referida pesquisa servirá e poderá fazer parte deste acervo.

5 A FEIRA LIVRE COMO UM LUGAR COMERCIAL

A feira livre de Mamanguape também beneficia pequenos produtores e comerciantes da região do vale, que veem aqui e vendem suas mercadorias. A exemplo de agricultores, pescadores e criadores, advindos de cidades vizinhas, do litoral, como: Marcação, Tramataia, Camurupim e Bahia da Traição, que já pertenceram a cidade de Mamanguape, estes comercializam mercadorias como: caranguejo, camarão, peixes, marisco, entre outros.

Estes municípios desempenham um papel socioeconômico fundamental, principalmente para o desenvolvimento do pescado em nossa região. A seguir, algumas imagens desses comerciantes.

Figuras 20, 21 - Pescadores e comerciantes, de peixes e crustáceos advindos do litoral norte da região.



Fonte - Acervo da Autora (Março/2017).

Na Feira ainda é possível encontrar cenas curiosas que mesmo em tempos modernos, nos leva a identidade de um nordeste rural, como é o caso dos vendedores de galinhas vivas e outros tipos de aves. Advindos de cidades vizinhas como, Jacaraú e Capim. Onde ainda os encontramos comercializando aqui na feira livre de Mamanguape.

Figuras 22, 23 - Criadores e comerciantes de aves da região.



Fonte - Acervo da Autora (Março/2017).

Também podemos encontrar produtos cultivados por agricultores da região, a exemplo de diversas raízes, tais como: macaxeira, batata doce, inhame, jerimum; frutas como: melancia, banana, abacaxi, manga, limão e muitos outros itens disponíveis para venda. Que são expostos em bancos, em carroças de mão, pois alguns vendedores circulam pela feira ou mesmo no chão. Onde o mais importante para o feirante é vender seus produtos, e usa vários tipos de estratégias para formar sua freguesia, conquistando seu cliente pela conversa e convencimento de que seu produto é o melhor, pois desta forma garante semanalmente uma fonte de renda. Já para o freguês o mais importante é “pechinchar” e encontrar um bom produto pelo menor preço, que precisa levar para casa. E em muitas vezes parte do próprio feirante, como no caso dos vendedores de roupas, que disputam suas freguesias em meios há várias lojas de roupas existentes na cidade.

Figuras 24, 25 - Vendedores e consumidores, em dias de Feira Livre, Mamanguape-PB.



Fonte - Acervo da autora (Março/2017).

A cidade de Mamanguape por esta localizada numa região de solos férteis, e propícios à agroindústria, estes elementos permitiram o desenvolvimento da agricultura e também que os agricultores da região se beneficiassem da feira com vendas e compras de produtos.

Neste sentido, podemos afirmar que a Feira Livre do município de Mamanguape, desempenha um papel relativamente importante não só no abastecimento urbano, mas também no âmbito comercial. Sendo que alguns feirantes geralmente são advindos de cidades vizinhas da região, e que veem e comercializam suas mercadorias como: carnes, legumes, frutas, verduras, feijão, farinha.

Desse modo favorecendo outros setores da economia, que após a comercialização de seus produtos, costumam comprar á vista em vários estabelecimentos do município, tais como supermercados, lojas de roupas, de sapatos, produtos agrícolas, farmácias, material de construção, entre outros.

A mesma também promove o desenvolvimento de outras atividades, este é o caso, por exemplo, do sistema de transporte, cujos profissionais são bastante beneficiados. Nos sábados dia da feira geral, é grande a movimentação de transportes, como ônibus e moto-táxi, este último é uma modalidade que veem, crescendo na cidade, principalmente em dias de feira. Pois, quem quer chegar a casa rápido, basta pegar uma moto, ali mesmo, no centro da feira, onde existem várias agências de moto-taxis. Ainda há os transportes alternativos, muitos são da cidade, e outros

são advindos de várias cidades da região, como de: Itapororoca, Rio Tinto, Capim, Bahia da Traição, entre outros.

6 A FEIRA LIVRE COMO UM ESPAÇO DE CULTURA E SOCIABILIDADES

Mesmo com a concorrência enfrentada pelos supermercados, a feira livre do município de Mamanguape-PB, ainda continua tendo preferência, pela maioria das pessoas da nossa região. A mesma, não é simplesmente um local de compra e venda de produtos. Para o nosso povo, é um ambiente de distração, onde o consumidor não vai á feira só para comprar, ele vai socializar, ou seja, trocar ideias, experiências, encontrar amigos, se divertir entre outras coisas.

De pneus reciclados ás gravuras das capas de folhetos, a arte popular também se expressa na Feira com sua, sonoridade, odores, formas, cores e diferentes linguagens das relações entre pessoa, formando-se assim, um grande museu vivo. (PEREIRA, pág., 127).

Neste sentido podemos encontrar um pouco de tudo isso na Feira Livre de Mamanguape, a exemplo da tradicional feira do Paraguai. Lá o consumidor, pode encontrar de tudo, desde acessórios, como: capa para celular aos importados, como: rádios, pilhas, chips, brinquedos, cds, dvds entre outros. Fora os “gritos” dos vendedores, procurando ofertar o seu menor preço aos consumidores. Tudo isso junto aos sons, transmitidos, através dos carrinhos de vendedores de CD’s e DVDs. A seguir, fotografia tirada da tradicional feira, conhecida como a feira do Paraguai. E, os vendedores de CDs e DVDs.

Figura 26 - Feira do Paraguai.



Fonte - Acervo da autora Março/2017.

Figuras 27, 28 - Vendedores de CD's e DVD's.



Fonte - Acervo da autora Março/2017.

A culinária também é comercializada e consumida na feira através de produtos produzidos em nossa região como: de queijo, beiju, rapadura, pé-de-moleque, tapioca, caldo de cana, raiva, caico seco, carne seca, comidas típicas: pamonha, canjica, munguzá, cuscuz, buchada, peixada, pirão de caranguejo entre outros.

Figuras 29, 30 - Barracas com produtos típicos da nossa culinária.



Fonte - Acervo da autora Março/2017.

O beiju e pé de moleque, também são produtos tradicionais, encontrados na feira livre, todos os sábados. Esses beijos são feitos por vários comerciantes, advindos da região rural do vale do Mamanguape a exemplo do sítio Maracujá, uma pequena comunidade localizada na zona rural de Rio Tinto. Lá, o beiju é feito com a própria mandioca, cultivada por eles e levada a uma casa de farinha, onde são feitos os beijos, em seguida comercializados na feira.

Figura 31 - Banco de beiju e pé de moleque.



Fonte - Acervo da autora Março/2017.

Outro item ainda comercializado na feira são roupas e calçados, mesmo tendo na cidade várias lojas de produtos similares, as pessoas que vem a feira ainda procuram muito por roupas e sapatos que são comercializados na feira. Os bancos formam um grande festival de cores e formas, com as barracas de roupas e sapatos montadas no entorno do novo Mercado Público da cidade de Mamanguape-PB.

Figuras 32 - Bancos de roupas.



Fonte - Acervo da autora Março/2017

Quem nunca calçou sandálias compradas na feira? A maioria, não é! Esses são uns dos costumes que vem existindo até os dias de hoje. Mesmo, tendo na cidade várias lojas de calçados, ainda assim, muitas pessoas dão preferências aos bancos de calçados da feira. Lá, eles podem encontrar vários tipos de calçados. Que vão da criança ao adulto. Atendendo aos variados gostos, do esportivo ao social, como também o popular.

Figura 33 - Bancos de sapatos.



Fonte - Acervo da autora Abril/ 2018.

Além de roupas e sapatos, existem também na Feira Livre de Mamanguape, barracas de temperos e condimentos diversos e também produtos para uso doméstico, onde são vendidos de tudo um pouco. Como: temperos, cominhos, alhos, sal, colorau, fumo, vassouras, chás, entre outros.

Figuras 34, 35: Bancos de temperos.



Fonte: Acervo da autora (Março/2017).

Na Feira Livre de Mamanguape, também podemos encontrar elementos ligados ao artesanato Paraibano, a exemplo de objetos feitos de barro (cerâmica), bicos de rendas de almofada; gamelas, tolhas e objetos de madeiras; cestas, bolsas, chapéus de couro, bonecas de pano de estopa; bordados e labirintos, entre outros.

Ainda são encontrados vários utensílios diversificados, como: cordas, chapéu de palhas, peneiras, ralador, raspa-coco, bainhas, cintos de couros, correntes, enxada, arreios entre outros, muito utilizados por vaqueiros e agricultores da região.

Figura 36, 37 - Barraca de utensílios e loja de objetos feitos de barro (cerâmica).



Fonte - Acervo da autora (Abril/2018).

Nos dias de feira se mesclam questões culturais e o comércio fixo no caso as lojas, situadas na rua da feira e próximo a ela fica mais visitado, como é o caso da loja do senhor Cirilo. Lá pode ser encontrado qualquer material para cultos religiosos. Na sua loja, situada às margens da feira livre de Mamanguape, vedem-se produtos, tais como: incensos, perfumes, imagens de santos diversos, remédios, velas, imagens, quadros, cordões, bebidas, entre outros.

Figura 38 - Loja de Cirilo.



Fonte - Acervo da autora (Abril/2018).

O Sr. Cirilo é um comerciante, bastante conhecido na região, trabalha nesta área, há mais de vinte anos. Ele contou que recebe visitas em seu estabelecimento de vários curiosos, a exemplos de estudantes de diversas universidades e cursos, como é caso do curso de Antropologia da UFPB. Os seus produtos são procurados, por vários clientes, inclusive internacionais. O mesmo citou que já vendeu para pessoas advindas de outros países, como Chile e Equador. E que suas especialidades estão ligadas ao Catimbó, que, segundo ele, é uma prática cultural nordestina que interessa a ele.

O Folclore também é uma das expressões culturais que podemos encontrar na Feira Livre de Mamanguape-PB. Essas manifestações culturais populares e tradicionais aparecem em forma de: propagandistas de remédios, leitores de folhetos (literatura de Cordel) e embolador de coco-de-roda, entre outros.

Um desses exemplos é o Sr. Zezinho Batista, que circula por muitos anos na feira, é um grande artista da terra e filho natural de Mamanguape. Ele é embolador de coco e vendedor de folhetos e literatura de cordel, onde o mesmo, comercializar na feira Livre de Mamanguape há vários anos.

Figura 39 - Barraca de Seu Zezinho Batista.



Fonte – Acervo da autora (Março/2017).

A cultura é o conjunto de conhecimentos, usos e costumes e tradições de um povo. Esse conjunto sofre contínuas modificações, pois a cada dia se enriquece com novas contribuições.

Assim, vivendo, trabalhando, criando, o povo vive sua cultura, que vai passando de uma geração para outra. (PAIVA, 1994, pág., 150).

Esse é o jeito de se fazer feirante, de se tornar freguês que sustenta o jeito a feira e faz com ela resista pelos tempos, pois “a socialização e a criatividade ainda são os principais artifícios dos trabalhadores, mesmo aquele que não produz o que comercializa precisa inteirar-se com o produto para torná-lo acessível a quem o busca, de forma que, na feira o tempo da cidade parece ter um *fluir* mais lento” (BERNARDINO, 2015, pág., 99).

Tudo isso faz da Feira um território marcado pela diversidade e pelos contrastes sejam eles sociais culturais ou econômicos. Sendo assim, “é pela existência de uma cultura que se cria um território, e é pelo território que se fortalece e se exprime a relação simbólica existente entre a cultura e o espaço.” (ROSENDAHL 2007 *apud* BONNEMAISON, 1981).

Sendo assim, a cultura, pode ser vivenciada, nos espaços da feira de Mamanguape. Sendo expressa através de costumes, ritmos e culinárias. Fazendo com que a mesma seja mantida e passada de geração para outra geração.

7 IMPRESSÕES, APREENSÕES E INQUIETAÇÕES SOBRE A FEIRA LIVRE DE MAMANGUAPE-PB

Ao visitar a feira livre, em busca de elementos para pesquisa, tive relação direta com os comerciantes. Pessoas, trabalhadoras, batalhadoras, simples e humildes. Além de aproximar do tema em questão, coloquei-me diretamente em contato com eles, personagens principais, para a pesquisa em questão. Onde, pude fazer registros fotográficos, mas também presenciei atividades que envolviam o raciocínio lógico matemático a partir de operações básicas, onde refletiam sobre a relação entre o muito e o pouco, mais e menos, maior e menor, grande e pequeno, caro e os barato, conceitos como dezenas, dúzia, quilograma, entre outros.

Ao observar informações sobre preços, formas de apresentação e aquisição, quantidade e qualidade dos produtos, aprenderam ainda mais, com essas pessoas, que além de serem comerciantes, são portadoras de um conhecimento diversificado e amplo, conhecimento esses, que muitas vezes é ignorado pelo povo letrado.

Nas conversas, ouvi muito sobre o descontentamento dos feirantes com relação à feira livre. A maioria deles reclama da falta de administração, fiscalização, segurança e principalmente educação por parte de alguns feirantes, no sentido de dar exemplos com atitudes de higiene e

limpeza, em seu local de trabalho, principalmente dentro e fora do Mercado Público e aos redores da Feira Livre.

Mas também disseram que embora a feira, não seja uma atividade de alta lucratividade são mantidas ali as tradições locais e ainda gera muitas oportunidades de trabalho.

Já aqueles que vêm à feira para comprar, no caso os fregueses, dizem que gostam da Feira Livre, por que nela, encontram de tudo um pouco. E que, às vezes, alguns produtos que encontramos na feira é mais barato, e outros não. Mesmo assim na feira, ainda se vende fiado a um amigo ou conhecido, à farinha, o feijão, o tempero, entre outros, tudo fresquinho, o que não se compara com os produtos, vendidos no supermercado, que além de serem industrializados, seus proprietários não os vendem, só pelo conhecimento de parentesco ou vizinhança. Mas na feira isso acontece com naturalidade.

Para grande parte dos frequentadores com quem conversei a Feira é o lugar de encontrar os amigos, jogar conversa fora, tomar caldo de cana, feito na hora, comer: beiju, pé-de-moleque, rapadura, cocada, ou seja, viver pequenos gostos do cotidiano.

Diante das realidades observadas na pesquisa em campo, percebi que algumas ações que poderiam promover melhorias das atividades desenvolvidas pelos feirantes na feira livre de Mamanguape, como: Fornecer água adequada para manipulação de alimentos e consumo humano; Reformar ou implantar instalações sanitárias para feirantes e consumidores; Colocar recipientes para coleta de lixo; Reforçar a segurança para feirantes e consumidores entre outros. E que os feirantes, deveriam se organizar e fundarem, uma associação, elegendo pessoas da sua confiança, para representá-los. Isso seria uma das maneiras, que poderiam ajudá-los, a correr atrás de seus direitos, perante as autoridades, dando, força a categoria.

Fica claro também que os poderes públicos do município precisam ter um olhar voltado nesta antiga tradição que, são expressas, através de seus costumes, ritmos e culinárias. Que mesmo apesar das dificuldades ocorridas no tempo e no espaço da feira, não deixa de reafirmar sua importância econômica, social e cultural. É muito importante que a mesma seja preservada, não só porque ela oferece uma contribuição econômica, mas, também porque ela faz parte da identidade e valor sociocultural do município de Mamanguape.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou analisar a origem da feira livre de Mamanguape em diferentes épocas de sua história. Chegando a conclusão que, a mesma possui um enorme valor histórico-cultural para esta cidade, que foi tombada como histórica por decreto 7.019 de outubro de 1979, sob orientação e fiscalização do IPHAEP (Instituto do Patrimônio Histórico do Estado da Paraíba), sancionado pelo governador do estado da Paraíba, Tarcísio de Miranda Burity, em 04 de dezembro do ano de 1979.

A partir desta pesquisa ficou constatado que as interações Socioculturais e econômicas do surgimento da feira resultaram no aparecimento de novas formas de comercialização, entre elas o mercado público. Hoje, denominado de centro cultural Fênix, é tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP).

Neste sentido a Feira Livre de Mamanguape é muito importante para o município, sendo um dos fenômenos históricos mais tradicionais da cidade. Embora apresentando uma essência econômica, a feira livre preenche também uma função social, enquanto veículo de comunicação e expressão da cultura do povo, por se configurar como um lugar de encontro, reencontro e lazer para os que ali vivem e para os que passam.

Mas, é também um lugar de intenso trabalho, um meio de sobrevivência para várias pessoas que continuam a viver das comercializações realizadas na feira, um lugar onde os pequenos agricultores podem levar seus produtos e continuar com a lida diária. Afinal, dia de feira é dia de festa.

Desta forma, este trabalho é uma maneira de reconhecer e preservar a memória e história da origem e evolução da feira livre de Mamanguape, que está diretamente ligada à história da cidade e sua influência para a região. Por fim, é conclusivo que a feira é de grande importância para a sociedade pelo valor que tem na vida das pessoas, sendo mais que um comércio, pois se ver na feira formas de manter viva a cultura local.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Welinton. **Jornal Correio da Paraíba**: Decadência de Mamanguape, pag: E3, 22 de julho de 2001.

ARQUIVO: **MEMORIAL VALE DO MAMANGUAPE**: Flávio Clementino Da Silva Freire. DIRETOR: ATHAÍDE, Lucio Cavalcante.

ATHAÍDE, Lúcio Cavalcante. **Jornal Mamanguape notícias históricas**. 1983-1988.

BERNARDINO, Sharlene da Silva. **A FEIRA LIVRE DA CIDADE DE NOVA CRUZ – RN**: aspectos culturais e econômicos. João Pessoa, 2015. Dissertação (Mestrado) CCEN/UFPB. Disponível em: <http://www.ccen.ufpb.br/ppgg/contents/documentos/dissertacoes/sharlene-da-silva-bernardino.pdf/view>. Acessado aos 07 de maio de 2017.

CORRÊA, Roberto Lobato. ROSENDHAL, Zeny. **Introdução à geografia cultural**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

COSTA, Adailton Coelho. **Mamanguape, a Fênix Paraibana**. Campina Grande: GRAFSET LTDA, COSTA, Daisy de Faria Rocha. Autorização de Funcionamento. Paraíba: 1960.1986.p. 210.

COUTINHO, Edilma; NEVES, Hallana; NEVES, Hamanda. **Feiras livres do Brejo Paraibano: crise e perspectivas**. XLIV CONGRESSO DA SOBER, Julho 2016. Disponível em: <http://www.sober.org.br/palestra/5/663.pdf>. Acessado aos 03 de março de 2017.

ENCICLOPEDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS. 1950 p.309 e 311.

ENCICLOPÉDIA LUSO-BRASILEIRA, volume 8. p.552. 1995.

Facebook/**Mamanguape Conta Suas Histórias**. Júnior da Locadora. Mamanguape-PB.

FARIAS, Raquel Soares. **A centralidade de Mamanguape (PB) e sua relação com as cidades pequenas do litoral norte paraibano**. João Pessoa, 2013. Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCEN

FERNANDES, Inês Lira. **Conheça o seu município**, Mamanguape. 14ª edição, 2015. Ed. Instituto Moderno.

IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>> Acesso em: 19.06.2018.

LIMA, Elaine de Jesus. Levantamento do quadro natural do município de Mamanguape – PB. Monografia. Universidade federal da Paraíba centro de ciências exatas e da natureza departamento de geociências levantamento. João Pessoa – PB. 19 de abril de 2013.

OMEGNA, N. **A cidade colonial**. Brasília: Instituto Nacional do Livro, EBRASA, 1971.

PAIVA, Maria Piedade Medeiros. **Paraíba: Nossa Terra/** Maria da Piedade Medeiros Paiva: Ilustração André Mattos Pereira/. São Paulo: Editora do Brasil, 1994. P.150 e 152.

PARAÍBA: **Memória Cultural**. Autor: Chico Pereira, ed. GRAFSET, pag.127.

RODRIGUES, Adiel Alves. **PANORAMA DE MAMANGUAPE:** Uma Exposição Histórica do Município. Comunigraf Editora, Recife, 2008.

SILVA, Jossandro Araújo da. **UMA ANÁLISE SÓCIO-ESPACIAL DO MERCADO DA TORRE- JOÃO PESSOA.** UFPB, 2014. Disponível em: <http://rei.biblioteca.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/804/1/JAS02102014.pdf>. Acessado aos 07 de abril de 2017.

TAVARES, João de Lyra. **A Parahyba**. Vol. II. Parahyba: Imprensa oficial, 1910.

APÊNDICE

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO COM OS COMERCIANTES**Pesquisa de Campo- Questionário com os Comerciantes**

Uma análise sobre a importância socioeconômica e cultural da Feira Livre do Município de Mamanguape-PB.

Entre as questões apresentadas aos comerciantes estão:

- 1 - Idade? _____
- 2 - Há quanto tempo o(a) senhor(a) trabalha na feira? _____
- 3 - Gosta? _____ Por quê? _____

- 4- Por que o senhor (a) acha que as pessoas vêm à feira?

- 5 - Existe diferença entre as pessoas que vão à feira e as que vão aos supermercados? Se sim, quais? _____

- 6 - E o que o (a) senhor(a) acha que falta na feira de Mamanguape?

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO COM OS CONSUMIDORES**Pesquisa de Campo - Questionário com os Consumidores**

Uma análise sobre a importância socioeconômica e cultural da Feira Livre do Município de Mamanguape-PB.

Entre as perguntas apresentadas aos consumidores estão:

1- Idade? _____

2- O senhor(a) vem sempre à feira? _____

3- Em que horário? _____ Por quê? _____

4- Vem sozinho ou acompanhado(a)? _____

5- Por quê? _____

6- E aos supermercados, o (a) senhor(a) vai? _____

7- O que o senhor(a) mais gosta na feira? _____

8- O que a feira tem que os supermercados não têm?

9- E o que falta na feira?
